

As tragédias do bullying e o estado de cólera midiático¹

Danielle Brasiliense
Universidade Federal Fluminense

Resumo:

Este artigo procura mapear algumas narrativas midiáticas sobre as tragédias provocadas pelo bullying, em especial, a chacina na escola Municipal Tasso da Silveira no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro, onde Wellington dos Santos entrou armado e atirou aleatoriamente por vingança em diversas pessoas. Assassinou doze crianças e feriu dezenas. Este episódio é o centro deste trabalho, cuja questão principal é: como se apresentam nos meios de comunicação as narrativas sobre esses sujeitos que se dizem “*benevolentes da justiça*”, ao cometer brutais assassinatos contra inocentes em prol de se fazerem exemplos para futuras vítimas do bullying? De que forma a mídia constrói seu discurso sobre a monstruosidade de alguém que se diz vítima do bullying? Os jornais e revistas também não seriam “*benevolentes da justiça*” com seus ideais de proclamar o bem estar social e de enquadrar e denominar os sentidos mais complexos da luta humana por significar? Como as campanhas midiáticas contra o bullying tem lidado com os sentidos de cólera e vingança? Para responder tais questões esse artigo se propõe ainda a falar sobre a morte do social, como uma condição da não-significação dos sujeitos e suas trágicas conseqüências.

Palavras chave:

Bullying, violência urbana, mídia, morte social, monstruosidade, medo

1.Introdução

Em abril de 2011 tivemos um acontecimento de retaliação causado por bullying, na cidade do Rio de Janeiro, a chacina de Realengo. Wellington dos Santos entrou armado em sua ex-escola e atirou em dezenas de alunos, funcionários e professores. O rapaz gravou alguns vídeos justificando sua ação. Disse ter sido vítima de agressões e escárnio por ser tímido, calado e diferente dos outros. Wellington conta que foi tratado de maneira inferior, o que o colocou em um jogo entre a honra e a vergonha ao ter sua auto-estima rebaixada. Assim, ele desejou o reconhecimento da sua dignidade através da vingança.

Esse episódio em Realengo aumentou a consideração do brasileiro a respeito de um

¹ Trabalho apresentado no GP Culturas Urbanas, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

polêmico conceito social denominado bullying, que já vem há alguns anos sendo tratado como um preocupante problema do nosso tempo. O bullying é um ato que pode provocar cólera e desejo de vingança pós humilhação. Na maioria das vezes é praticado por crianças e jovens - adolescentes em ambientes escolares. Se uma pessoa é ridicularizada, ameaçada ou agredida fisicamente, ele é uma vítima de bullying.

Nossa moderna sociedade denomina por bullying algumas das velhas condições de luta por significação humana, ou briga por um espaço hegemônico separatista e higienista em favor da clássica ordem social. O que não é novidade na nossa história, assim também como os crimes de vingança não são. Embora pareça ultrapassada, a luta pela honra e a busca da vingança para a elevação da auto-estima ainda está em vigor nos dias atuais. A antiga lei de Talião, *“olho por olho e dente por dente”* ainda rege a sociedade que chamamos de moderna. Matar para saldar dívidas é algo que faz parte dos moldes que enquadram a cultura contemporânea.

Nesse artigo será tratada a relação entre o thymós² colérico provocado pela humilhação e as estruturas narrativas midiáticas sobre esses crimes cometidos por vingança após sofrimento de bullying. Como a mídia tem espetacularizado essa temática? O que levou a fama desta nova-velha categoria de agressões e escárnios entre crianças nas escolas? Os episódios violentos narrados pelos meios de comunicação que envolvem crianças e jovens trás para a sociedade o velho medo em não saber lidar com a violência, especialmente, aquela contra o que se considera anormal. Teme-se que um mal causado por agressões do bullying inunde o espaço da ordem social, crie futuros adultos agressivos, monstros e assassinos.

O Jornal Hoje, televisionado pela Rede Globo, fez uma reportagem que demonstra esse pavor atual pelo bullying. A mãe de um garoto de nove anos foi entrevistada e disse que seu filho havia sido agredido por cinco colegas na escola pelo fato de ser gago. O garoto teve que passar por vários exames que ao final, diagnosticaram uma lesão no pescoço devido as pancadas que sofreu. O jornal chama atenção das escolas, professores e governantes responsáveis para que tomem providências contra o inimigo bullying.³ A mídia criou diversas campanhas sobre esta temática, como também a do apresentador da Rede Globo, Serginho Groisman, que ficou meses fazendo discursos ao vivo na TV para alertar

² Trata-se do sentimento. É o terceiro estágio da alma humana, segundo Pitágoras, onde está localizado o coração, o centro afetivo da impulsividade. Thymos é a sede e a coragem da paixão irracional.

³ reportagem do Jornal Hoje: <http://www.youtube.com/watch?v=VGZzoprYah8&feature=related>

os pais e os jovens sobre a problemática do bullying.⁴ Diante dos crimes de vingança pós bullying, como a chacina de Realengo, o medo dessa prática de violência entre os mais jovens só tende a aumentar e com eles os discursos midiáticos a respeito também se fortalecem, como veremos mais adiante.

Não é de hoje que as instituições sociais autorizadas a proclamar o bem estar e os procedimentos de justiça social se mobilizam para que as vítimas de algum tipo de violência possam ter seu lugar de exposição pública para que todos reconheçam o seu sofrimento. O que mudou no passar dos séculos não foi apenas o lugar de exaltação ou humilhação desses sujeitos, mas também o sentido romântico que foi dado a vingança.

Peter Sloterdijk, em seu livro *Cólera e Tempo* (2010 p.64 - 66) fala sobre a passagem da obrigação da vingança nas tragédias gregas para a ideia de intervenção da justiça. Isso se dá na mudança das chamadas Erínias que começam a aparecer com o eufemismo de Euménides. Se trata das deusas personificadas pela vingança: Tisífone, a deusa do castigo, Megera, a deusa do rancor e Alecto, a deusa da cólera interminável. Elas castigavam os crimes e torturavam as almas pecadoras julgadas por Hades e Perséfone. Até que temem que a sua cólera se volte para si e mudam seu status para Euménides, as benevolentes da justiça, o que seria uma forma de romantizar a vingança. É como se o romantismo pudesse amenizar os desejos mais duros.

Peter usa esse exemplo para demonstrar uma possível reinterpretação dos sonhos vingativos da humanidade. Após a ascensão da burguesia no século XVIII a relação dos sujeitos com a ideia de vingança aumenta severamente na sua forma mais romantizada, menos pesada e sanguinária. E a partir desse período que vão surgir os grandes vingadores modernos da literatura e depois do cinema como, *O Conde de Monte Cristo*, *Ben-Hur*, *Charles Bronson*, *Rambo* ou *Kill Bill*, por exemplo, cada um no seu tempo.⁵

Essa mudança importante no status da cólera traz para o criminoso o orgulho de se vingar, ao se transformar em justiceiro, o que ameniza o mal-estar da retaliação pelo rancor, de não dar a outra face quando se apanha, se humilhando em favor da não retaliação. Criam-se assim, os heróis populares que se identificam com o público que tem sede de vingança. Com toda exposição espetacular sobre criminosos e vítimas, a mídia se transforma em um benevolente da justiça. Mas por outro lado, esse ideal também vale para o assassino, especialmente, se tratando de uma antiga vítima de bullying, como Wellington

⁴ <http://www.youtube.com/watch?v=wRSIhtkwMIO>

dos Santos, que busca limpar sua honra outrora roubada. Não é espantoso que um dos motivos ditos pelo rapaz por ter virado um assassino foi deixar marcado para outras vítimas de bullying como ele, a esperança em se fazer justiça. Em um dos vídeos gravados por Wellington encontramos essa fala: *“Igualmente a você eu fui fraco, fui medroso, mas me tornei um combatente, uma pessoa forte, corajosa que tem por objetivo a defesa dos irmãos mais fracos que ainda se encontram na condição de incapaz de se defender (...) Eu espero que nenhum irmão mais possa morrer para que os irmãos mais fracos fiquem em paz.”*⁶

De um lado a mídia romantiza as vítimas, apresenta as famílias e seus mortos, reforça a tragédia como efeito da monstruosidade alheia e desconhecida. Do outro lado, aquele indivíduo julgado como monstro levanta sua bandeira de justiça e derrama o sangue de inocentes como exemplo de um sacrifício pela vida de outros sofredores. A questão principal deste artigo é: como são apresentados nos meios de comunicação esses sujeitos criminosos benevolentes da justiça, que cometem crimes em favor de uma vingança? De que forma a mídia, especialmente os jornais e revistas, produzem suas narrativas, já que são também proclamadores da justiça? Considero importante perceber as falas dos benevolentes midiáticos da justiça tanto em relação ao criminoso, quanto no que diz respeito ao seu próprio ideal de justiça. Como a mídia expõe a sua cólera em relação ao criminoso e ao ato trágico cometido por ele? De que forma são narradas as representações do bullying nesses casos. Como o público responde as falas de Wellington nos vídeos gravados antes do crime?

2. Os benevolentes da justiça

O jornal *O Globo* publicou em 8 de abril de 2011, no dia seguinte da Chacina de Realengo, na primeira página: *Ele atirava na cabeça*. Essa foi a frase de uma aluna de 12 anos que estava na escola na hora do massacre e conseguiu sobreviver. Wellington dos Santos matou dez meninas e dois meninos. Nos primeiros dias as reportagens eram voltadas para o sofrimento dos familiares que perderam suas crianças. No dia 09 de abril *O Globo* traz na capa uma nova matéria seguida de uma fotografia de uma criança no caixão, cujo título dizia: *Adeus Crianças*. O jornal correspondia a sensibilização da sociedade com as vítimas inocentes, os menores que foram brutalmente assassinadas e seus familiares. O lead do texto dizia: *O massacre em Realengo abriu uma ferida no Rio e enlutou todo o país*. A

⁶ <http://www.youtube.com/watch?v=r3fMOD-COKU&feature=related>

*estupidez do crime produziu tanta dor que as vítimas foram sepultadas sob comoção coletiva poucas vezes vista, mesmo numa cidade marcada por constantes chacinas e tragédias.*⁷

Junto com toda movimentação que se fazia com relação às vítimas da chacina, as pessoas estavam também curiosas para saber quem era Wellington e qual seria o motivo para que ele cometesse tamanha atrocidade. No decorrer das investigações o rapaz demonizado foi sendo desmascarado, sua identidade de filho adotivo e tímido foi ganhando espaço nas reportagens. Mas o que interessava em primeiro lugar, para a mídia de modo geral, era compactuar com a ideia de monstruosidade. O jornal *O Globo*, por exemplo, estampa no caderno especial: *Um lobo na pele de cordeiro*. Ao lado desta matéria uma foto 3x4 de Wellington e as armas que ele usou no crime. A retranca conta: *De menino nascido na rua e vítima de bullying a monstro que executou 12 crianças*.

Uma das entrevistas dadas pelo irmão de Wellington ao jornal *O Globo* conta que o rapaz havia abandonado um tratamento psicológico. O irmão revela: *Ninguém esperava que a situação chegasse a esse ponto, a toda essa atrocidade. Ele vivia no cantinho dele. Não se metia em brigas, em nada errado. Sempre foi muito fechado, não era de conversar muito. Vivia trancado no mundo dele, do computador dele. Como existem casos de filhos que também agem dessa forma e não vêm a praticar uma situação como essa. Então não era de se esperar um desequilíbrio desse por parte dele.*⁸

A tragédia é exatamente esta falta de sentido de que fala o irmão de Wellington. E isso, a não espera do trágico, abala as estruturas sociais porque não há justificativa ou verdade possível que conseguirá mapear uma tragédia, a não ser a própria ideia de tragédia. Como afirma Raimond Williams em seu livro *Tragédia Moderna* (2002), o mal absoluto é uma autocegueira de uma cultura que não tem coragem de investigar a sua própria natureza e cria não só os atores monstruosos, mas faz o expectador ter vontade de arrancar seus próprios olhos com absurdos sensacionalistas. Na tragédia não cabe juízo de valor ou amor. Não há perdão, redenção ou explicação possível. Os crimes de um mal que não se explica são a pura tragédia e esta não é permitida no nosso “*modus vivendi doméstico*”⁹.

Por isso, é que se dá tanta atenção ao bullying ultimamente, pois esse ato de agressão que remete vingança é um tipo de justificativa para matar o outro. A humilhação é uma categoria que propõe vingança no espírito do “olho por olho” e é a partir disso, que a

⁷ Jornal O Globo, sábado 09 de abril de 2011

⁸ Jornal O Globo, domingo 10 de abril de 2011

preocupação aparece, pois a tragédia justificada, passa a ter um certo apoio moral pela ideia de retaliação em forma de benefício, mesmo existindo uma proibição de matar o outro, no campo da ordem social e da própria moral. O “não matarás” é um forte mandamento cristão-social que impede o indivíduo, regulado pela ordem, de cometer assassinatos o tempo todo por qualquer motivo.

As tragédias podem ocorrer pelo que é mais antigo no mundo, pelas relações entre justiça e injustiça e a partilha do ressentimento. O trágico pelo próprio trágico não deveria perturbar a sociedade devido a sua força milenar de existência. “*Enquanto a História representa o eterno movimento pendular do golpe e do contragolpe, a sagesa quer que imobilizemos o pêndulo*”, essa frase de Peter Sloterdijk (2010- p.59) em seu livro *Cólera e Tempo* resume esta questão. Para o autor, a sagesa e a religião se mobilizaram em curar as feridas humanas pela moral e por conta disso também *a sociedade civil faculta terapias simbólicas que permitem apoiar as reações psíquicas e sociais dos indivíduos às suas feridas*”.

Mas a tragédia mesmo no seu sentido mais genuíno do trágico pelo próprio trágico, ela não elimina o sofrimento. Este caso de Realengo tem quatro tipos de reivindicação pelo sofrimento que podemos mapear aqui. O primeiro diz respeito as vítimas da chacina, os parentes que ganham espaço de apelo público. O Estado, com isso, responde com a seguinte declaração do governador: *temos a obrigação de dar nossa solidariedade e nosso apoio às famílias das meninas e meninos vítimas desde psicopata, desse animal, dessa brutalidade*.¹⁰ Reforça-se a culpa na monstruosidade. Já o Governo Federal volta a dar sugestões sobre o uso e venda de armas no país e suscita uma nova campanha de desarmamento que só fica nas palavras do ministro da justiça e logo se silencia.

A outra face do sofrimento é da família de Wellington que tenta de toda forma, como vimos no depoimento do irmão mais velho, falar sobre a normalidade do rapaz com sua timidez e ao mesmo tempo lamenta a ocorrência. Sua irmã que morava próximo da Escola Municipal Tasso da Silveira, onde aconteceu o crime, teve que se mudar rapidamente, pois foi vítima de ameaças de vizinhos que rondavam sua casa e picharam seu muro com as palavras covarde e assassino.

Ao mesmo tempo em que todo esse sofrimento quer se alimentar do thymós da colera, o jornal O Globo faz uma reportagem sobre a generosidade de alguns vizinhos e ex-alunos que repintam a casa da família do assassino. O subtítulo da matéria diz: *voluntários*

¹⁰ Idem

*e moradores repudiam tanto a chacina quanto o vandalismo.*¹¹ A intenção de retaliação é barrada pelo ato de bondade. A dívida moral toma o lugar da sede de vingança.

O terceiro apelo pelo sofrimento é do próprio Wellington que começa a aparecer na imprensa depois de quase uma semana como vítima, quando seus vídeos e cartas foram encontrados. Os vídeo dizem o seguinte:

Vídeo 1: “Apesar de tudo que passei para vocês, provavelmente não imaginam algumas outras coisas que passei como o fato de estar num ponto de ônibus e aparecer dois caras grandes começando a ridicularizar, humilhar não diretamente, mas te atingir para te colocar para baixo como meio de diversão desses covardes, desses cruéis (...) e no final esse tipo de pessoa ainda diz: nada como rir da cara de um idiota. E isso é uma das coisas que sofri e sofro ainda no decorrer da minha existência e que igualmente a vocês, eu fui fraco, medroso, mas me tornei um combatente, uma pessoa forte, corajosa que tem como objetivo a defesa dos irmãos fracos.”¹²

Vídeo 2: “Espero que nenhum irmão precise mais morrer para que os demais irmãos mais fracos fiquem em paz, tenham uma perspectiva de vida de respeito e dignidade e não sofram mais nas mãos desses covardes, cruéis.”

Vídeo 3: “ A luta pela qual muitos irmãos no passado morreram e eu morrerei não é exclusivamente pelo que é conhecido como bullying. A nossa luta é contra pessoas cruéis, covardes que se aproveitam da bondade, da inocência, da fraqueza de pessoas incapazes de se defender.”¹³

Claramente seu ato criminoso se apresenta na forma de retaliação. O programa da TV Globo, o Fantástico, apresenta esses vídeos e as cartas, no domingo em horário nobre. Logo ocorre uma mobilização sobre o sofrimento reclamado por Wellington. O jornal O Globo traz no dia seguinte um texto com depoimentos de ex-colegas de turma do rapaz que afirmam que ele sofria agressões. *Em texto, matador tenta se eximir da culpa. Ele tenta usar o bullying, a perseguição que diz ter sofrido na escola, para justificar o crime: “Muitas vezes aconteceu comigo de ser agredido por um grupo e todos os que estavam por perto debochavam, se divertiam com as humilhações que eu sofria, sem se importar com meus sentimentos”*, publicou o jornal.

Por mais que Wellington tenha justificado o seu crime e demonstrando ter sido vítima de agressões, o jornal não o perdoou facilmente e conduziu suas matérias com base em um possível problema de loucura e psicopatia. Como vimos anteriormente, não é fácil entender a tragédia por si só, mesmo sendo justificada. É preciso culpar alguém, ou a sua loucura. O atirador se enquadra perfeitamente nas categorias do senso comum a respeito

¹¹ Jornal O Globo, terça-feira 12 de abril de 2011

¹² vídeo exibido pelo Jornal Nacional: <http://www.youtube.com/watch?v=KFFkSEOM5g0>

¹³ idem

dos psicopatas construídos por profissionais como a psicóloga Ana Beatriz Barbosa. A autora dos chamados best sellers sobre as mentes perigosas foi muito ouvida pela mídia a respeito do caso. A frase vazia que resume suas percepções sobre esses casos é *A imperfeição é a nossa única certeza*.¹⁴

Ana Beatriz não está muito longe do que disse o psiquiatra que orientou a direção da escola em Columbine em 1999, quando ocorreu uma chacina semelhante a de Realengo, que resultou no famoso filme *Elephants*. O jornal *O Globo* entrevistou o Dr. Frank Ochberg, especialista em ciência do trauma, logo depois da chacina no Rio de Janeiro e destacou o conselho do psiquiatra: *é importante reestabelecer a sensação de normalidade*. Outra frase que só afirma o senso comum e que não responde nenhum questionamento sobre a tragédia, sobre o sofrimento ou a vingança dos assassinos.

Para finalizar esta reportagem com Ochberg o repórter pergunta: *Nos casos que o senhor estudou, havia uma relação entre bullying e violência?* E ele responde: *Não necessariamente. Em Columbine, todo mundo achava que era bullying, mas isso não teve nada a ver. Os rapazes que mataram os colegas não tinham sido vítimas de bullying. Eles eram uma estranha combinação de um psicopata e um depressivo, e um alimentou o outro*.¹⁵

Ao mesmo tempo que existe o reconhecimento do sofrimento das vítimas que sofreram o bullying e usaram a retaliação bárbara do assassinato, não se compreende uma tragédia como a de Columbine ou Realengo. O alibi do bullying não ameniza o fato e muito menos a dívida moral desses criminosos para com a sociedade.

Mas Wellington ganhou alguns fãs e foi perdoado por muitos depois que seus vídeos foram divulgados e também quando as falas de algumas pessoas que testemunharam seu sofrimento foram aparecendo na mídia. Nesta última edição do jornal *O Globo* postada acima tem um depoimento anônimo de uma ex-aluna da Escola Municipal Tasso da Silveira que diz o seguinte: *Uma vez, pelo menos três garotos de outra turma enfiaram a cabeça dele no vaso sanitário. Lembro que o vimos molhado, mas ele foi embora. De outra vez, vi jogarem ele de cabeça para baixo, dentro de uma lata de lixo, e tamparem. Ele teve que balançar a lata, derruba-la e só depois conseguiu sair, no meio de todo mundo. Ele não revidou, nem respondeu a ninguém*.¹⁶

Os comentários no Youtube para o terceiro vídeo que transcrevi acima são os

¹⁴ Jornal *O Globo*, dia 08 de maio de 2011, um mês depois da chacina em Realengo.

¹⁵ Idem Jornal *O Globo* dia 11 de abril.

¹⁶ Ibidem

seguintes:

- 1) “se vocês passassem o que Wellington passou não estavam dizendo hipocrisias...”¹⁷
- 2) “Não podemos tirar dele a responsabilidade do assassinato, mas metade da culpa são daquelas pessoas que o humilharam antes.”¹⁸
- 3) “Meu herói!”¹⁹
- 4) “(...) afogaram ele na privada e jogaram no latão de lixo e isso o levou a loucura”²⁰
- 5) “pq ao invés de matar crianças inocentes não matou políticos corruptos e assassinos?”²¹
- 6) “uma vitima de uma sociedade lixo como a nossa”²²

Para muitos, especialmente, aqueles que se identificam como vítimas de bullying, Wellington foi um guerreiro como um antigo grego que combateu seus inimigos, deu exemplo do que pode acontecer quando se valoriza a cólera em busca da dignidade. O objetivo da barbárie provocada por Wellington foi dizer publicamente: eu sou forte, quero a minha honra e a minha dignidade.

3. A vítima exemplo

A questão da vingança nos aproxima da ideia de vítima. Alguém se vinga porque em algum momento foi vítima. Quem se vinga quer que a pessoa que um dia o fez perder a honra passe também pela dor de ser vítima.

Um dos tipos de exploração de vítimas midiáticas está ligado a ideia do *não deixe que façam com você o que fizeram comigo*, que aparece quando a sociedade de modo geral se sente ameaçada e faz campanhas, passeatas para chamar a atenção de determinadas desordens. Por exemplo, o crime do menino João Hélio em 2007, que foi morto sendo arrastado quilômetros pelo carro que bandidos roubaram de sua mãe, é um crime que ganhou visibilidade pela tamanha barbárie, mas também pelo apelo da família: “*não deixe que seu filho morra como o nosso*”. O discurso exibido pela mídia a respeito deste caso foi todo construído em torno desta frase anterior, pela qual a sociedade se indignou e clamou por justiça.

Mostrar a família de João Helio e os desdobramentos desse evento tinham além de todos os ideais de espetacularização midiática, o intuito de aclamar a vítima por uma causa

¹⁷ comentário de *cloonwizard* . 9 pessoas curtiram e 2 não gostaram.

¹⁸ Comentário de *ingrydification*

¹⁹ Comentário de *derikdead*

²⁰ Comentário de *shoks*

²¹ Comentário anônimo

²² Comentário de *cesarfox971*

nobre, para que a sociedade e os governantes pudessem tentar evitar tais crimes como esse. E isso não teve relação direta com uma exigência do direito de vingança das vítimas. Mas, percebemos que em tempos de bullying existe uma outra forma de discursar sobre a vítima que é deixá-la dizer: *não faça comigo o que não gostaria que fizesse com você*.²³

Em 2011 um dos vídeos mais divulgados pelo site Youtube foi de dois meninos na escola, um deles gordinho que apanhava de um outro mais magro. O clímax do vídeo se dá quando o gordinho se enche de raiva e derruba no chão com sua força o garoto que o agredia. Esse vídeo foi aplaudido mundialmente durante meses. *A vingança dos gordinhos*, é um dos títulos no Youtube.²⁴

O programa de TV australiano *ACA Sundays* faz uma entrevista com Casey Heynes, o gordinho que virou herói por, segundo o apresentador, *finalmente se defender derrubando aqueles que queriam derrubá-lo*, ou seja, ele é a vítima vingativa que virou herói. O menino da sua depoimento dizendo que cansou de sofrer bullying.²⁵ Casey teve a chance de declarar publicamente para o menino que o maltratou e todas as outras pessoas que praticam o bullying que não é bom fazer com os outros o que não queremos que façam conosco. Casey castigou, se vingou e portanto, se tornou uma estrela popular, digno de muitos aplausos, um herói de uma vingança romantizada. Inclusive, foi convidado especial em um show do pop star Justin Bieber que também fez campanha contra o bullying.²⁶

É importante perceber esta ordem do discurso da vítima vingativa. Mesmo que a vingança não seja na mesma moeda, o importante para o vingador é reparar o dano sofrido e trazer de volta o seu status quo, a restauração da sua honra. A mensagem geral é: quero que saibam o quanto fiquei machucado e que aprendam com a minha vingança a não repetir mais este tipo de agressão a outras pessoas.

No caso de Casey o seu recado foi dado e aplaudido mesmo ele tendo agredido brutalmente o seu agressor. O que nos prova que os ideais cristãos de dar a outra face, de não corresponder àquilo que te fez vítima, estão mais próximos das ideias de retaliação proclamados no Velho Testamento bíblico, ou nos tempos das guerras gregas. Mas esta retaliação tem um limite moral, sobre o qual podemos dizer: pode bater, só não pode matar. Não se pode comparar a agressão vingativa de Casey com a de Wellington, pois o gordinho não matou 12 outras crianças como o assassino de Realengo fez. Mas, é importante pensar

²³ http://veja.abril.com.br/140207/p_046.shtml

²⁴ <http://www.youtube.com/watch?v=SJDM4IapgRw>

²⁵ http://www.youtube.com/watch?v=6r23jIeb_Q8&feature=endscreen&NR=1

²⁶ http://www.youtube.com/watch?v=b_rZn8YKEzU

nesta lógica do “olho por olho e dente por dente” quando os discursos de ambos se aproximam do lugar de vítima.

Wellington cita Casey e outros jovens considerados por ele heróis que tentaram combater o bullying. Uma matéria publicada on line, no dia 15 de abril de 2011, pelo Jornal da Tarde do *Estadão* em São Paulo, divulga o seguinte título: *Matador de Realengo culpa “covardes” por bullying*.²⁷ A matéria diz:

“Em cinco novos vídeos divulgados ontem pela Secretaria de Segurança Pública do Rio, o atirador Wellington Menezes de Oliveira, autor do massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, afirma que o bullying sofrido por ele nos anos em que estudou na instituição foi a principal motivação para o crime. “Eu era agredido, humilhado, ridicularizado (...), mas o que mais me irrita hoje é saber que esse cenário vem se repetindo sem que nada seja feito contra essas pessoas covardes e cruéis”, diz Wellington em um dos vídeos. (...)

Wellington ainda “parabeniza” o garoto australiano Casey Heynes, que divulgou na internet um vídeo em que se defende de um agressor aplicando golpe de luta livre. Também cita o sul-coreano Cho Seung-Hui, que invadiu o Instituto Politécnico e a Universidade Estadual da Virgínia (EUA) em 2007, matando 32 pessoas, e Edmar Aparecido Freitas, que entrou atirando em 2003 no colégio onde estudou em Taiúva (SP), ferindo oito pessoas e se matando. Wellington os descreve como “ícones na luta contra os infiéis”.

Embora jamais tratados como iguais, Wellington e Casey foram vítimas vingativas. Então, além de existir o discurso sobre a vítima cujo sofrimento é causado pelo Estado, ou pela desordem social de responsabilidade deste Estado, como no caso de João Helio, quando a sociedade exige vingança do Estado, existe também a vítima vingativa aplaudida por ter acabado com o seu sofrimento. E além disso, a vítima como Wellington, que teve o intuito de finalizar o seu sofrimento e de servir como exemplo para o sofrimento alheio, mas que é demonizado quando sua violência passa dos limites morais da agressão para o assassinato.

4. Morte social, a tragédia do bullying

Alguns discursos vazios e até lombrosianos tem sido muito valorizados hoje pela mídia brasileira, cuja intenção é descrever e mapear o mal e justificar os acontecimentos trágicos. Esse enquadramento do mal virou uma obsessão, visto que, queremos o tempo todo estar protegidos dele. Criam-se diversas fórmulas para detectar o assassino sob a ideia

²⁷ <http://blogs.estadao.com.br/jt-seguranca/matador-de-realengo-culpa-‘covardes’-por-bullying/>

de que ele é um outro diferente de nós. E aí, profissionais publicam seus livros como receitas prontas sem fundamento algum, além do senso comum, para detectar um psicopata. Traçam riscos de agressões inusitadas com explicações na falha da educação familiar-infantil e do comportamento da própria criança em não respeitar seus pais ou brigar com seus iguais, irmão ou amigos. Na maioria das vezes isso vem junto com algumas especulações sobre problemas fisiológicos, como má formação do cerebral. O que parece é que não saímos do século XIX com todas essas especulações. Tememos que o mal inunde o espaço da ordem social.

Como demonstra a antropóloga Mary Douglas (1991), é possível criar uma nova ordem em que a anomalia possa ser absorvida pela sociedade, mas existe uma questão de poder cultural que vem da autoridade da fala pública sobre a importância de manter esta ordem social regularizada pela higiene, que nos impede de pensar sobre essas “impurezas” para além do que já foi programado pelo senso comum.

O mal que não se explica, que nos parece gratuito, tem base no vazio que marca vidas como a de Wellington, o assassino da escola em Realengo. O psiquiatra e pesquisador Joel Birman (2009) conta em seu livro *Cadernos sobre o Mal* que a crueldade está ligada ao deserto afetivo e à ausência absoluta de reconhecimento dessas pessoas. É como se no mundo nada mais fizesse sentido para Wellington. Na perda de sentido, de significações possíveis, o indivíduo perde os limites e não reconhece mais as margens que o fazem viver em sociedade. Isso se chama *morte do social*, na qual a parte obscura dos sujeitos são os seus próprios vazios, suas não-significações.

No ano de 2007, um jovem sul-coreano chamado Cho-Seng-Hui²⁸ dizia ser discriminado por seus colegas numa universidade nos Estados Unidos, onde estudava. Cho fez diversos vídeos ameaçadores com armas contando toda a humilhação pela qual sofria na pele de um *looser* estrangeiro. Até que um dia chega a sua vingança. Ele envia os vídeos para a NBC e vai para a faculdade armado, onde provoca uma chacina de 32 pessoas. Entendemos que um criminoso como Cho se comportou dessa forma por perder o sentido de conviver em sociedade, não apenas por ser um imigrante numa escola americana, mas também por ser estrangeiro no sentido de estar fora do contexto e ser negado a participar do grupo de universitários por sua diferença.

A revista Veja, como já era esperado, publicou como capa a matéria sobre a Chacina de Realengo com o rosto de Wellington na cor vermelha, na qual o título foi: “*O monstro*

²⁸ <http://www.youtube.com/watch?v=ypCsJleMipI>

mora ao lado”. As capas da Revista Veja trazem sempre essa forma espetacular de denominação do criminoso, uma maneira de expressar a cólera midiática se prontificando com a benevolência da justiça social de que já falamos. Foi assim tanto com Cho, ou com Suzane Von Ritchtofen, que planejou a morte dos pais em 2002, como foi com muitos outros assassinos.

Mas dessa vez, foi diferente com Wellington. Ao mesmo tempo que o chamam de monstro, um subtítulo demonstra o lugar de vítima que o rapaz ocupou. E diz assim: *“Como saber quando a loucura assassina emergirá das camadas profundas de anos de humilhação, solidão e frustração”*. Dentro da revista, a matéria principal se resume em mostrar o perfil de Wellington e das crianças mortas. Sobre o rapaz assassino, eles publicam um boletim escolar arquivado na escola Tasso da Silveira. Nesse arquivo, a Veja publica algumas observações dos professores sobre o comportamento tímido do rapaz aos oito anos, quando tinha dificuldades de aprendizado: *“É um aluno que caminha muito de vagar. Está em processo. Precisando de ajuda direta do professor ou dos colegas do seu grupo para realizar no máximo 39% do trabalho escolar. Na maioria das vezes parece estar bem distante da sala de aula. É um aluno que precisa de mais tempo para assimilar os conteúdos”*.

Depois de toda exposição da vítima- assassino e das vítimas-inocentes, a revista abre um espaço de uma página e meia com um complemento da matéria que diz: *“O que estes assassinos tem em comum?”*. Nesta parte, a Veja fala das percepções do psicólogo Peter Langman em seu livro *“Wy kids kill: inside the minds of school shooters”* de 2009. E a revista destaca: *“O psicólogo conclui que os jovens homicidas estudados (meninos de Columbine, Cho-Seng-Hui e outros), não se encaixam num único perfil psicológico ou social. Mas todos, sem exceção patilham um sentimento: a raiva. Odiavam suas vidas, estavam desesperados e deprimidos a ponto de desejar a própria morte.”*

Para além das idéias comuns, Peter fala da morte do social, não com estas exatas palavras. Mas, a mídia apresenta as características dos assassinos para reafirmar seus lugares de monstros sociais. O que fica na matéria como destaque é muito mais a monstruosidade que devemos temer do que o próprio vazio que fazia parte da vida desses assassinos. Ainda que se publique afirmações como as de Peter, não é a intenção da mídia desenvolver uma narrativa crítica sobre esse assunto.

5. Considerações finais

O bullying, a tragédia e a morte social são assuntos antigos na história da humanidade. Sempre existiu o trágico, as não significações, os não pertencimentos e as diferenças. Esses elementos, como bem sabemos, também fazem mover a vida. O que se criou de novidade foi o discurso espetacularmente retórico da mídia sobre o bullying, pois as brigas, divergências e lutas por significações das diferenças entre as pessoas, crianças ou adultos sempre existiram.

Como porta voz desse senso comum que enquadra a sociedade, a mídia prefere promover campanhas contra o bullying como grande inimigo social que deve ser combatido, por isso a exaltação no caso de Casey, como vimos. Os meios de comunicação se interessam pela vingança quando ela corresponde a expectativa do seu público. Mas, ao mesmo tempo, que se aplaude a vingança há também uma abominação dela quando se trata de uma chacina. Com isso, crescem as campanhas contra este grande inimigo, o bullying, em que se acreditar ter um enorme poder de destruição social.

Uma semana depois da reportagem da Veja sobre o massacre em Realengo, a revista traz como pauta principal uma matéria sobre bullying, cujo título é: *“Abaixo a tirania dos valentões”*. E então, busca em seu discurso um responsável pelo problema do bullying que após a chacina no Rio de Janeiro não poderia ser mais ignorado. E por isso, a revista pergunta ainda na capa: *“por que as escolas não podem mais fingir que o bullying é um problema só dos alunos e seus pais?”*. E aqui se responde: porque as tragédias justificadas por esse velho-novo fenômeno causa impacto e medo do caos social. A revista fala da monstruosidade como já se falou há séculos atrás, como um grande inimigo que não podemos cercar, mapear, mas que precisamos tentar nos prevenir de seus males. Para a mídia, deve-se lutar pela justiça das vítimas dessas tragédias e enquadrar os vilões que as provocaram na tentativa de estar protegido dessa assustadora violência invisível que nos pertence.

O discurso contemporâneo de felicidade a qualquer preço que nos ronda e garante uma vida moderna saudável faz do trágico nosso maior inimigo. Como eliminar o trágico ou nos iludir de que ele não faz parte dessa vida humana plenamente feliz se não criando diversas formas de auto-ajuda que se baseiam no controle do nosso próprio comportamento?

A partir do esforço de eliminar a impureza é que surgem livros como *Bullying, mentes perigosas nas escolas*, da psiquiatra Ana Beatriz Barbosa. Ao mesmo tempo que esse livro se propõe a mapear os causadores do bullying e mostrar para a sociedade, para os

pais de família, especialmente, como evitar que seus filhos se tornem provocadores do bullying, o livro reforça a divisão entre tipos de sujeitos mais frágeis e menos frágeis. Ou seja, numa sociedade em que imperam ideais como o de felicidade e de vencer sempre, o sujeito frágil está predestinado a ser massacrado como um típico anormal. Classificações com base nesse separativismo não ajudam, mas complicam ainda mais a categoria do bullying. Como por exemplo, uma parte do livro que diz: *“Os protagonistas do bullying escolar. As vítimas típicas são alunos que apresentam pouca habilidade de socialização. Em geral são tímidas e reservadas e não conseguem reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos contra elas. Normalmente são mais frágeis fisicamente...”*.

As não significações propostas pela normalidade são as diferenças, é o que se considera anormal. Não significar é não ter sentido, é não existir e o vazio deste sentido como “morte social” é a mais pura tragédia. Se o sujeito não tem significação nos limites da normalidade, nada mais tem sentido para além da sua existência e assim, este sujeito está habilitado a provocar uma tragédia. São desses vazios que a mídia deveria tratar em seus questionamentos narrativos, assim também como autores de livros, como de Ana Beatriz Barbosa, deveriam ser mais críticos sobre as novas-velhas causas sociais que nos cercam.

Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Brasília. Ed. UNB. 2001

BIRMAN, Joel. **Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade**. Rio de Janeiro. Record, 2009

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Vol I. Problematização dos sujeitos: psicologia e psiquiatria. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____ **Os anormais**. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

GARLAN, David. **A cultura do Controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro. Editora Revan. 2008.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo. Ed. Universidade Estadual Paulista. 1990.

HOBBSAWM, Eric J., **Rebeldes primitivos**. Rio de Janeiro: Zaar Editores, 1978.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo. Companhia das Letras. 1998.

_____. **O Nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo**. São Paulo. Companhia das Letras. 2007.

RONDELLI, Elizabeth. **O discurso da mídia sobre violência**. In: **Linguagens da violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado**. Rio de Janeiro. Objetiva, 2008.

SLOTERDIJK, Peter. **A cólera e o tempo**. Portugal. Relógio D'água Editores. 2010.

WILLIAN, Raymond. **Tragédia moderna**. São Paulo. Cosac & Naify. 2002.